

A INFLUÊNCIA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ROTINA FAMILIAR E A CONTRIBUIÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL

CÁSSIA SOUZA DE ARAÚJO¹; EDUARDA SOCOOWSKI HERNANDES MIRAPALHETA PIRES²; TATIANE DA SILVA CASSAIS²; NICOLE RUAS GUARANY³; RENATA CRISTINA ROCHA DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – araujoscassia@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardasocoowskip@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tati_cassais@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nicolerg.ufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – renatatoufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta-se como uma síndrome que traz impactos ao desenvolvimento, podendo o indivíduo exibir déficits na comunicação, interação social, manifestando comportamentos e interesses restritos. Ainda, podendo externar estereotípias, movimentos repetitivos, alterações sensoriais, inflexibilidade relacionada à rotina e agressividade (DSM-5, 2014). Evitando perdas na participação e desempenho de atividades cotidianas, a Terapia Ocupacional utiliza de ocupações como intervenção para aprimorar habilidades e funções do paciente objetivando a viabilização de independência e autonomia (AOTA, 2015).

Devido às manifestações clínicas, é preciso desprendimento diário por parte dos responsáveis para realizar os cuidados necessários. Assim, o bem-estar geral da família pode ser abalado, favorecendo o desenvolvimento de estresse, problemas de saúde, alteração da rotina, pressão financeira em razão da busca por atendimentos e sentimento de culpa. Para além, pais de crianças com o transtorno possuem altos índices de divórcio (KARST; VAN HECKE, 2012).

Desse modo, é fundamental acompanhar não somente o paciente, mas também a família, pois seu bem-estar pode comprometer os efeitos positivos dos atendimentos. Portanto, o atual estudo objetiva o relato das dificuldades encontradas na rotina familiar e os ganhos obtidos através dos atendimentos da Terapia Ocupacional com crianças diagnosticadas com TEA.

2. METODOLOGIA

As informações foram coletadas por alunas da Terapia Ocupacional a partir de itens de uma avaliação semi-estruturada realizada com cuidadores de pacientes diagnosticados com TEA atendidos no projeto de extensão Vive-Neuro da Universidade Federal de Pelotas. Os itens consistiam nas perguntas: “Já conhecia a Terapia Ocupacional?”, “O que o levou a procurar o serviço?”, “Quais as dificuldades encontradas na rotina familiar? Essas dificuldades alteram sua rotina?” e “Foi observada diferença após o início dos atendimentos? Quais?”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de treze cuidadores. Entretanto, quatro foram excluídos (um em razão do tempo de acompanhamento – dois atendimentos – e três não responderam a avaliação), totalizando nove participantes. Analisando os

dados, foi possível observar a percepção dos cuidadores sobre sua rotina e efeitos provenientes dos atendimentos.

Sobre o conhecimento da profissão, os resultados demonstraram que oito responsáveis desconheciam a Terapia Ocupacional e apenas um afirmou o esclarecimento, sendo graduando do curso. Todos os cuidadores procuraram o serviço em razão do encaminhamento recebido pelo médico neuropediatra.

No que diz respeito às dificuldades que alteram a rotina familiar, três responsáveis relataram problemas em comunicar-se com a criança – não escuta ou não obtém resposta -, dois descreveram contrariedade no momento de acatar comandos e três identificaram temperamento instável cotidianamente. Três declararam que as crianças apresentaram dificuldade na coordenação motora, prejudicando a autonomia nas atividades de vida diária, quatro evidenciaram a seletividade alimentar como agravante para a alimentação. Por fim, dois cuidadores citaram resistência familiar relacionada ao diagnóstico.

Relacionado aos avanços, oito cuidadores referiram melhora significativa após o início dos acompanhamentos e um expôs neutralidade quanto a isso. Sete mencionaram alterações positivas na comunicação e três relataram progresso na participação. Ademais, três perceberam melhora no comportamento, três identificaram evolução da interação social, dois notaram aumento da tolerância à frustração e dois alegaram maior variedade na ingestão de alimentos. Para mais, dois responsáveis relataram progressos na coordenação motora.

Analisando os resultados, nota-se a dificuldade da amostra em responder a pergunta direcionando-a ao contexto familiar. Esse achado demonstra a disposição do núcleo familiar centrada no indivíduo com TEA. Outros estudos apoiam esse desfecho, associando a organização da família às necessidades da criança, como realizar atividades da vida diária, cumprir com o itinerário terapêutico, evitar crises de comportamento, entre outros (MINATEL, MATSUKURA; 2014; FAVERO-NUNES; DOS SANTOS, 2010). Com isso, destaca-se o cuidado como fator estressante pela sobrecarga da família, pois as características clínicas podem resultar, de acordo com a severidade do transtorno, na inabilidade do sujeito em realizar individualmente diversas tarefas ocupacionais (MATSUKURA; MENECHLI, 2010).

Relativo aos ganhos com os atendimentos, a Terapia Ocupacional favorece no processo de inclusão e participação social da criança utilizando diferentes métodos teóricos, como a intervenção contextual, que considera o ambiente em que o indivíduo vive no planejamento dos atendimentos (GONÇALVES, 2018). As intervenções com o público infantil utilizam o brincar como forma de desenvolver o pensamento, a linguagem, o treino de habilidades sociais e atividades de vida diária (JOAQUIM et al., 2018). Como evidenciado por Alvarenga (2017), o terapeuta ocupacional pode possibilitar avanços no funcionamento coletivo da criança, prevenindo comorbidades futuras como transtornos ansiosos e depressivos, em razão da não aceitação em seus ciclos de convivência.

4. CONCLUSÕES

Através do presente estudo, foi possível realizar reflexões acerca da importância da intervenção contextual no acompanhamento de crianças com TEA. É imprescindível incluir os responsáveis nas intervenções, sendo a partir de instruções ou mediante escuta terapêutica. O afeto, doação e engajamento dos cuidadores são fundamentais. Contudo, o núcleo familiar também requer atenção. Também foi possível evidenciar ganhos substanciais após o início dos acompanhamentos, favorecendo diretamente em suas respectivas rotinas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Giulia Cristine. **Autismo leve e intervenção na abordagem cognitivo-comportamental**. 2017. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental) - Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (CETCC), São Paulo, 2017.

AOTA. AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3ª ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015.

FAVERO-NUNES, M.A.; DOS SANTOS, M.A. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 23, n. 2, p. 208-21, 2010.

GONÇALVES, W.C.H.; RAIOL, P.N.S.S.; JUSTINO, L.N.A.C. A estimulação cognitiva como recurso terapêutico ocupacional no tratamento do transtorno do espectro autista. **Journal of Specialist**, v. 1, n. 4, 2019.

JOAQUIM, R.H.V.T.; SILVA, F.R. DA; LOURENÇO, G.F. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, v. 26, n. 1, p. 63-71, 2018.

KARST, J.S.; VAN HECKE, A.V. Parent and family impact of autism spectrum disorders: a review and proposed model for intervention evaluation. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 15(3), p. 247-77, 2012.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

MATSUKURA, T.S.; MENECHLI, L.A. Famílias de crianças autistas: demandas e expectativas referentes ao cotidiano de cuidados e ao tratamento. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, v. 19, n. 2, p. 137-52, 2011.

SCHMIDT, C.; DELL'AGLIO, D.; BOSA, C. Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 124-31, 2007.